



Revista FAMECOS: mídia, cultura e
tecnologia

ISSN: 1415-0549

revistadafamecos@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul
Brasil

Susca, Vincenzo

A Tecnomagia e o Cotidiano – Sociologia da Emoção Pública

Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, vol. 24, núm. 1, enero-abril, 2017

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=495553930014>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A Tecnomagia e o Cotidiano – Sociologia da Emoção Pública

The technomagic and the every-day – Sociology of public emotion

La technomagie et le quotidien – Sociologie de l'émotion publique

Vincenzo Susca

Maître de conférences en sociologie à l'université Paul-Valéry de Montpellier, directeur éditorial des Cahiers euroéens de l'imaginaire (CNRS éditions, Paris), chercheur associé au Ceaq (Sorbonne) et McLuhan Fellow à l'Université de Toronto.
<vincenzo.susca@gmail.com>

Tradução: Roberta Simon <betasimon@gmail.com>

RESUMO

Uma imersão na célula da cultura contemporânea revela o advento de um imaginário inaugurando uma sinergia original entre o espírito e os sentidos, entre o agir racional e o pensamento mágico. A adoração de vários fetiches que sustentam a nossa sociedade comporta, para cada pessoa envolvida, um alto grau de êxtase e de encantamento, mas também uma consciência dotada de uma memória e um saber altamente refinados. Assim sendo, a técnica, em sua ressonância ancestral e em suas sedutoras formas atuais, é novamente o totem da sociedade em gestação, seu objeto de culto e sua referência simbólica de base. Seu sonho e sua realidade, a mais real possível.

Palavras-chave: Comunicação. Técnica. Magia.

ABSTRACT

An immersion in the cell of contemporary culture reveals the advent of an imaginary inaugurating a unique synergy between the mind and the senses, between rational action and magical thinking. The worship of various fetishes that underpin our society holds for each person involved, a high degree of ecstasy and enchantment, but also a consciousness endowed with a memory and a highly refined know. Thus, the technique in his ancestral resonance and its seductive current forms again is the totem of society in pregnancy, your object of worship and its base of symbolic reference. His dream and its reality, as real as possible.

Keywords: Communication. Technique. Magic.

RESUMÉ

Une immersion dans l'alvéole de la culture contemporaine révèle l'avènement d'un imaginaire inaugurant une synergie originale entre l'esprit et les sens, entre l'agir rationnel et la pensée magique. L'adoration des divers fétiches qui étaient nos sociétés comporte, pour chaque personne impliquée, un haut degré d'extase et d'envoûtement, mais aussi une conscience dotée d'une mémoire et d'un savoir hautement raffinés. Ainsi la technique, dans sa résonance ancestrale et dans ses séduisantes formes actuelles, est à nouveau le totem de la société en gestation, son objet de culte et sa référence symbolique de base. Son rêve et sa réalité la plus réelle possible.

Mots-clés: Communication. Technique. Magie.

À notre époque électronique, nous endossons l'humanité entière comme notre peau. *Marshall Herbert McLuhan (1964)*

Uma imersão no interior da cultura contemporânea revela o advento de um imaginário, inaugurando uma sinergia original entre a mente e os sentidos, entre o agir racional e o pensamento mágico. A adoração de diversos fetiches que sustentam a nossa sociedade abrange, para cada pessoa envolvida, um alto grau de êxtase e de encantamento, mas também, uma consciência dotada de uma memória e de um saber altamente refinados. Assim sendo, a técnica, em sua ressonância ancestral e em suas sedutoras formas atuais, é novamente o totém da sociedade em gestação, seu objeto de culto e sua referência simbólica de base. Seu sonho e sua realidade, a mais real possível.

No seu auge, a técnica ainda possui a ressonância mágica de uma inquietante maravilha, com características surpreendentes e chocantes. Suas performances de ponta são constantemente acompanhadas de um odor de obsolescência, de um indício de ultrapassado, já deixando a ferida de uma ruptura: o homem, então, transborda em uma corporeidade localizada fora seu quadro orgânico e individual, provando, ao mesmo tempo, os limites de sua própria condição e de seus possíveis excessos, ao ponto de acariciar, ou mesmo de desafiar, as faculdades inerentes ao divino. A mitologia, nos arquétipos e estereótipos em que é atualizada, evidencia com um ritmo contínuo, enquanto que o corpo social metaboliza constantemente as impressões nas tramas da vida cotidiana: o místico, a estética e o sensual permeiam toda técnica, relativizando a dimensão lógica e funcional.

Percorrendo a história, é possível, no entanto, traçar uma alternância cíclica do espírito que domina o sistema dos objetos e de identificar uma mudança entre os dispositivos e o tempo, em que, por vezes, prevalece um princípio utilitarista. Isto é, a capacidade de intensificar a ação do homem sobre o mundo, a dominação da natureza e o agir instrumental – às vezes, pelo contrário, é a tríade de valores estéticos, religiosos e mágicos que predomina: a beleza, mais do que a utilidade; a comunhão, ao invés do contrato; a vibração de êxtase, e não, o interesse. No primeiro caso, a mobilização social em torno da descoberta do momento é tendencialmente orientada para a realização de um objetivo – o progresso, a riqueza, a conquista... – enquanto que, no segundo caso, ela é um fim em si mesma: a técnica não é apenas o elo, o meio, em que o social ganha corpo e “acontece”. Assistimos aqui a uma comunhão difusa, uma participação mística, ao mesmo tempo sagrada e profana, não somente dentro de um grupo específico, mas também entre ele, a terra e o céu. Para capturar essa amálgama e compreender em profundidade a trama de correspondências que, a cada vez, é tecida entre corpos e técnica, natureza e cultura, sonho e realidade, precisamos mergulhar em uma perspectiva arqueológica.

Do totemismo à internet

Técnica, magia e religião estavam tanto, tão bem e indissoluvelmente ligadas no início que o grau mais alto de experiência mística naturalmente correspondia ao nível mais sutil do agir tecno-lógico e da arte oculta (Graf, 1994). O totemismo, que é uma prática de religião tribal, permitindo que um grupo se una, em uma fricção de êxtase com a divindade e a natureza que o rodeia, representava a figura emblemática da sinergia entre esses três fatores. O processo de civilização provocou, na sequência, uma ruptura radical a tal paradigma. A modernidade e a tecnologia que o caracterizam, como a imprensa (McLuhan, 1966), geraram particularmente um processo de cisão entre as palavras e as coisas, o corpo e o espírito, o sagrado e o profano, agindo no sentido de uma racionalização progressiva da existência e, portanto, de um desencantamento do mundo (Weber, 1964).

A efervescência religiosa foi, portanto, extirpada do corpo da tribo e institucionalizada pela transcendência dos textos sagrados: a Bíblia foi o primeiro livro impresso e, com ela, foi inaugurada a longa onda do tempo moderno; a magia foi relegada para o inferno da vida cotidiana e estigmatizada como religião das massas ou como uma névoa da consciência. A tecnologia tem sido apontada como um meio de dominação do homem sobre a natureza, um instrumento capaz de resolver os problemas e uma ferramenta eficaz para acentuar a separação com o Outro, ou, ainda, para estabelecer com o Outro uma relação baseada em um contrato, um interesse ou uma abstração. Assim, nasceram os Estados-nação e suas fronteiras intransponíveis; assim, foram difundidas as ciências com os seus saberes e seus métodos prescritivos e inacessíveis à maioria das pessoas; e, assim, se impôs sobre o mundo a casta elitista dos guardiões do verbo (político, religioso, técnico e artístico).

Mas o momento culminante do esplendor dessa época também estava nele, como o *grand finale* de fogos de artifício, o seu declínio, o anúncio de sua catástrofe. Como Marshall McLuhan (1977) havia notado nos anos 1960, a propagação social de novas mídias eletrônicas se apresenta como o agente de deflagração da cultura moderna e de sua ordem política, social, identitária e econômica. Embora tal invenção tenha surgido de laboratórios tecnocientíficos, desenvolvidos a partir dos séculos XVIII e XIX, ela foi dirigida, em uso e consumo – ou seja, na apropriação social da qual ela é objeto – contra as intenções dos seus criadores, como o monstro criado pelo Dr. Frankenstein para satisfazer seus sonhos de glória.

A manipulação social da inovação tecnológica é a principal faísca que faz com que a cadeia de efeitos perversos no coração do que Guy Debord

(1992) chamou de “sociedade do espetáculo”. Para compreender o significado completo, basta nos determos sobre a parábola da internet. De fato, inventado para fins militares e acadêmicos, o termo é transformado na bacia em que se experimentam formas de colaboração, de conexão e de inteligência sensível, dotadas de uma forte conotação anti-moderna: não verticais, não racionais, não ideológica, separadas das elites, impertinentes à lei estabelecida e disjuntivas à ordem das nações. Aqui, a esfera pública se dissolve em uma multiplicidade de encontros afetivos e cognitivos de natureza neotribal, cada qual munido de sua própria ordem ética usurpando a moral universal, sentimentos e paradigmas. É por esta razão que a maioria dos cibernetas viola a lei de direitos de autor espontaneamente, sem escrúpulos, sacrificando seus próprios deveres como cidadãos em detrimento do hedonismo e prazer de se unir ao grupo através da partilha de informações, de símbolos, de sons e de afetos. Esta mesma vocação incentiva o funcionário a reduzir discretamente seu tempo de trabalho para tirar proveito da sua tela digital e conversar no *MSN*, *Snapchat* ou *Skype*, para compartilhar fotos no *Flickr*, jogar cartas em *burracoline.com* e vaguear nos mundos eletrônicos.

A tecnologia aparece como uma ferramenta para refinar e socializar as táticas enraizadas de astúcia popular, ou seja, o conjunto de práticas constantemente utilizadas pelas pessoas para se defender do olhar agressivo e pedante do poder. A transição que estamos testemunhando assume as características de uma verdadeira mutação antropológica, em que, o que anteriormente se denominava “resistência”, traduz-se hoje por “criação” e “recriação”. Desde então que os novos meios de comunicação permitem, de uma parte, a produção de uma linguagem e uma ordem simbólica a partir da manipulação de sua gramática básica (Levy, 1994), e, de outra, a conexão e o compartilhamento de sensibilidades que estavam anteriormente exíguas e dispersas demais para se manifestar de maneira operacional e perceptível (Castells, 1998). O mapa do poder e a face da tecnologia se alteram.

A emoção pública

A técnica deixa de ser a arte do *logos*, a ferramenta da lógica: “tecnologia” para se tornar “tecnomagia”, totem em torno do qual as tribos pós-modernas experimentam o êxtase místico que é, ao mesmo tempo, pura vibração em torno do corpo comunitário e fuga por algo maior que si mesmo. A conexão emergente desta condição já não é mais baseada em um contrato racional e abstrato – o “contrato social” –, mas em um pacto em que a emoção, as paixões e os símbolos compartilhados se tornam as novas matrizes do estar-junto (Maffesoli,

2007), como os novos pressupostos de qualquer fusão e difusão coletiva. Aqui surge uma sensibilidade cultural, em que o equilíbrio entre a razão e o sentido é revertido em favor deste último, levando um golpe mortal o paradigma do pensamento racional e abstrato que foi o propulsor da modernidade ocidental.

A experiência desenvolvida progressivamente no interior da cultura digital revela, na verdade, o surgimento de uma sensibilidade, inaugurando uma sinergia original entre a mente e os sentidos, entre o agir racional e o pensamento mágico. A adoração de vários fetiches tecnológicos e simbólicos, que sustentam o cenário cultural contemporâneo, comprehende, em cada pessoa implicada, um alto grau de entusiasmo e fascínio, mas também uma consciência dotada de uma memória e um conhecimento altamente refinados. Os discípulos dos vídeos games ou os ávidos usuários do *YouTube* contemplam seus totens abandonando-se de corpo e alma à sua narratividade com forte densidade emocional. Eles possuem uma poderosa massa de informações que lhes permite tornar especialistas tão competentes quanto os profissionais. Cada um desses fetiches impulsiona a uma participação tecnomágica, a qual produz relações sociais animadas por uma efervescência mística – em contornos não-racionais – em que os usuários-fíéis reconhecem, no entanto, com uma certa lucidez e competência, a mitologia com que se deixam deslumbrar.

Assim, observamos que as novas subjetividades disseminadas pelas telas conhecem em detalhe a música *techno* que as coloca em transe (Attimonelli, 2008; Hampartzoumian, 2004), distinguem com precisão os detalhes dos objetos técnicos presentes no mercado e selecionam cuidadosamente os cenários dos vídeos que elas fazem passar de um blog para outro.

Essa é a mudança da opinião pública, de conotação racional e abstrata, para a emoção pública, na qual a inteligência se faz sensível. No quadro mental, a emoção pública integra a carga imaginária, sacral e afetiva, as quais são negligenciadas, ou mesmo banidas, por uma grande parte da cultura moderna. É por isso que temos de escolher e pensar pelos sentidos, antes mesmo de fazê-lo por um raciocínio abstrato, como acontece inconscientemente quando nos apaixonamos ou quando nos envolvemos em um negócio, guiados por uma impressão favorável, uma intuição inefável. É especialmente por isso que a emotividade tende a transbordar da fonte primordial da vida cotidiana para inundar cada veia do espaço público, do marketing à política, passando pelas artes, além de se colocar como a gramática básica de toda linguagem, relação e discurso social. É nesse lugar que se alimenta e se inflama a socialidade eletrônica, promovendo o fórum, o clipe, as redes sociais e até mesmo os espaços mais austeros da *web*. Atuam em uma série de áreas com alta concentração afetiva,

moldadas pelo registro da emoção, atravessadas pelas agitações amorosas e impregnadas de sentimentos viscerais que circulam por contágios sucessivos. E em todas estas áreas, após uma longa separação, a religião e a técnica reatam suas relações, no mesmo momento em que os sentidos começam a pensar.

São precisamente os sentidos que presidem a vadiagem na rede, direcionando as escolhas, os consumos e os movimentos do cibernauta, influenciando seu comportamento, mesmo quando este parece ter uma inclinação pela dimensão lógica. Apesar das inovações mais brilhantes do mercado das novas mídias – mas poderíamos estender este discurso para toda a gama de modelo produtivo, político e cultural contemporâneo – com destaque para a interface tátil dos instrumentos tecnológicos, que espalhou no sistema dos objetos uma membrana somática, impregnando humores e espírito no *hardware* e no *software* da nova economia, uma nova maneira de celebrar o sex appeal do inorgânico, descrito por Walter Benjamin (2006) como a característica saliente da moda. No cenário esboçado, os sentidos das máquinas e os dos seres humanos – os corpos e os simulacros – vibram em uníssono, contaminam-se e se confundem em uma dança voluptuosa.

A paisagem cultural, pela qual estamos rodeados e cujo ciberespaço é o epifenômeno evidente, é, ainda, perpassada por ondas das novas idolatrias (Maffesoli, 2008), adesões místicas e frissons coletivos impressos de um saber incorporado e constantemente redefinido de maneira conectiva pela prática da conversação. Se é verdade, de fato, que o impulso emotivo se caracteriza por um arranque impulsivo, também é relevante notar que o dispositivo reticular imprime aí integrações substanciais: o intervalo temporal entre a sensação experimentada e a forma como ela é transposta on-line sedimenta de pensamentos a emoção de base, e diminui, assim, os acentos mais grosseiros. Mesmo nas plataformas tecnológicas mais transparentes, aquelas em que a continuidade entre sujeito e objeto parece realmente deslizar, mantém-se uma mediação simbólica em que habita, ainda, um tempo de latência entre o impulso e a ação, o pensamento e sua expressão, lá onde todo ato deve ser traduzido em linguagem. Além disso, a rede a que pertence uma pessoa, por meio de constante interação e reciprocidade de olhares que dão substância ao grupo e a avaliação incessante de gestos de cada um pelo todo, contribui a moldar o comportamento do indivíduo e a articular as reações e os estilos de acordo com os modelos elaborados em conjunto.

Em todo o caso, o livre arbítrio da pessoa e seu instinto ainda são, aqui, objetos de uma mediação e estão sendo sacrificados pelo valor supremo de uma instância do grupo: o código da tribo. A lei da imitação, considerada por

Gabriel Tarde (1993) como o baluarte da vida social, é, assim, atualizada com força pela matriz tecnossocial, hoje, aos fundamentos da vida cotidiana.

A comunhão e o efêmero

Qual é o princípio organizador da sinfonia que confere um ritmo ao sentir, ao sonhar e ao viver de nossa época? Não poderemos bem compreender os bate-papos superficiais dos *chat lines*, a multiplicidade de émoticons e gracejos trocados por SMS, as identificações variadas aos novos mitos da cultura espetacular, o dilúvio de histórias íntimas que transbordam das redes sociais e de diferentes Periscópio ou Vine, sem aí descobrir o impulso erótico que move o fundo da vida social, o desejo ardente de se relacionar de uma forma holística com o outro. Neste contexto, a palavra conexão não é nada menos que o culto pelo qual se manifesta a vocação de toda comunidade que nasce para se ligar em um estado de comunhão através de uma comunicação. Aqui o conteúdo é secundário em comparação à efervescência social que, como bem sabemos sobre o que é chamado de *web 2.0*, oferece-se como o próprio coração do meio. É por isso que novos meios de comunicação tendem a se caracterizar não como vetores de conteúdo, mas como ágeis esferas conectivas, como bolhas, permitindo-nos flutuar no mundo. O corpo é, então, a mensagem das novas mídias eletrônicas. O corpo como pele, incubador, emaranhado de sentidos e efusão de espíritos.

Marshall McLuhan (2004) foi o primeiro a antecipar, com outras palavras, as ressonâncias tecnomágicas de nossas sociedades acreditando que em nossa era eletrônica, nós endossamos a humanidade inteira como nossa pele. E a nossa pele é o território, a protagonista inconsciente de um processo duplo que, embora aparentemente invisível – e precisamente porque não conseguimos distinguir, muito menos entender – possui efeitos fulminantes sobre as tramas da nossa cultura que vão desde o domínio do conhecimento até as questões sobre o prazer, passando pelas relações interpessoais.

Sem sabê-lo, todos nós estamos nos tornando ciborgues, ou melhor ainda, como afirma Andy Clark (2004), “*we are natural born cyborg*”. Assim, por um lado, nós estendemos o nosso sistema nervoso central para além das fronteiras de nosso cérebro – em memórias informáticas, em telas audiovisuais, em dispositivos de informação on-line... – e, por outro, nós reabsorvemos-lo em nossa carne em forma expandida, graças aos dispositivos portáteis, à microtecnologia e tudo o que denominados *wearable computer*. Isso ocorre, ao mesmo tempo, natural e inconscientemente: sabemos como pescar os detalhes

de nossa existência em um PDA (*Personal Digital Assistant*), mas ignoramos o processo que o torna possível.

A tecnologia e a magia se distinguem, em especial, pela presença, na primeira, de uma relação congruente entre causas e efeitos, entre esforço produzido e resultado obtido. Na era da tecnomagia, o princípio mecânico e funcional que serve de pivô para o agir tecnológico moderno é, em vez disso, desarticulado.

Os resultados de uma ação não têm nada a ver com a ação em si, mas parecem, antes, o produto – ou, pelo menos, essa é a percepção que temos – de um mistério elaborado no espaço do invisível. Pensemos nas redes wi-fi: apenas o computador ou o celular nos indicam se eles estão disponíveis ou não, portanto, se podemos acessar plenamente nossos recursos e nossa memória, atualizar nossas redes de relacionamentos e habitar as identidades eletrônicas a que estamos implicados. E quando deixamos de nos conectar, imploramos o destino ou fazemos apelos aos novos mágicos: os *nerds*, que são os guardiões de um conhecimento oculto que servem para nos introduzir no novo mundo, no qual, para citar Shakespeare: “nós somos feitos do tecido de que são feitos os sonhos”.

Fantasmagorias encarnadas

Como mestres de um universo inteligível pela maioria dos indivíduos, dissimulados na sombra de seus quartos ou suas garagens, os jovens especialistas das novas tecnologias são associados ao imaginário pelas figuras do “pirata” ou do “bárbaro” (Susca, 2009). Assim como estes últimos, eles são portadores de um conhecimento *alienado* ao ponto de vista do que é estabelecido pelas instituições do saber e do poder contemporâneos. Cada comunidade virtual, rede de blogueiros, tribo urbana, além de suas ações tecnológicas e das ferramentas a seu dispor, detêm uma história, uma verdade, um estilo de vida e um imaginário independentes, tais mundos que formam “sociedade” e que contornam os limites e os paradigmas até então dominantes. Trata-se de paisagens societais com alta densidade simbólica e emotiva, em que religiosidade e técnica coincidem.

Ao contrário das fantasmagorias que marcaram o advento da época cinematográfica e televisual, nós estamos aqui na presença do universo, em que os fantasmas podem ser tocados. E, neste contexto, recorremos tanto ao aspecto tátil da existência, quanto à imaginação. Nas salas de cinema, o público, como tomado de alucinação, projeta-se na tela e se permite transportar nos corpos das estrelas, de acordo com a interpretação de Edgar Morin, em seu livro *Le Cinéma*

ou *l'homme imaginaire* (1957). No coração do ciberespaço, ao contrário, nós nos expandimos por meio de máscaras (avatar, *nickname*, identidades virtuais) que nós mesmos geramos. É por isso que William Gibson, em seu famoso romance *Neuromancien* (1988), descreve a vida em territórios electrônicos como uma "alucinação consensual".

Na esteira dessa tendência, mais e mais adolescentes estão desenvolvendo seus blogs sem recorrer a nenhuma ajuda externa. Como bem apontou Henry Jenkins, em seu livro *Convergence culture* (2006), muitos estudantes norte-americanos usam a história de Harry Potter como um ponto de partida para desenvolver o maior número de universos mágicos em que são, simultaneamente, os protagonistas e os novos mágicos. Assim, amplia-se o discurso do "tornar-se mágico" do mundo, para além de sua declinação tecnomágica. Notamos, na verdade, a intensificação do apelo à medicina não convencional, à astrologia, às técnicas espirituais *new age*, assim como de uma crescente popularidade de filmes como *O Senhor dos Anéis* (2001), *Ratatouille* (2007) , *Avatar* (2009) e, como visto anteriormente, *Harry Potter* (2001). Se pensarmos bem, o sucesso dessas narrativas é diretamente proporcional à crise das religiões, das ideologias históricas e do reducionismo científico. Um surto de neomisticismo, então, incendeia a paisagem social, mascarando as premissas mais lógicas e mais racionais da chamada "sociedade do conhecimento". Erik Davis sugere, no entanto, revisitar as teorias mais em voga sobre a relação entre cultura e tecnologia, que "hoje há tanta pressão sobre a informação que ela racha e transborda energia, atraindo mitologias, metafísica e fragmentos de magia misteriosa" (Davis, 1999, p. 28).

Além do fato de sermos todos ciborgues, podemos afirmar que nos transformamos, inconscientemente, em numerosos pequenos mágicos de um mundo reencantado (Maffesoli, 2007), em que nos tornamos, conjuntamente, sujeitos e objetos de inéditas possessões, idolatrias e novos sacrifícios. Os altares do consumo e da comunicação se apresentam como substitutos do que foi até então, a religião, em seguida a política, sem que isso signifique necessariamente a aparência de um mundo cônscido e harmonioso. Para melhor ou para pior, poderíamos até mesmo dizer que a cultura contemporânea contribui para integrar essa sombra, a parte amaldiçoada da qual fala Georges Bataille (2003) e que os sistemas socioculturais marginalizaram e reprimiram por muitos anos.

O que aparece, no entanto, de maneira inesperada, é a natureza do sacrifício em questão: as tribos contemporâneas dançam em torno de novos totens em nome de seu bem-estar e de acordo com sua própria religião, sem aderir à transcendência ou a projetos em discordância com o universo afetivo

e imaginário do grupo. Neste cenário, os novos ritos de iniciação não são nem escritos, nem prescritos, mas fazem parte, antes, do saber incorporado da comunidade. Seus resultados são, portanto, desconhecidos, difíceis de serem apreendidos por aqueles que residem fora da aura da tribo. Para este último, a tecnologia já não se manifesta mais como uma pura panóplia de instrumentos com os quais podemos resolver problemas, desempenhar funções ou adaptar o ambiente: ela assume a forma de uma tecnomagia capaz de soldar as subjetividades sociais em torno de vibrações emotivas, de prazeres info-estéticos e de pulsões lúdicas, e pouco importa, nesta ótica, que o objeto da moda seja um *iPod* ou botas de estilo gótico.

A técnica, no seu magnetismo arcaico e em suas sedutoras formas contemporâneas, é novamente, e ainda, o totém da sociedade em gestação, seu objeto de culto e sua referência simbólica de base. Portanto, navegar nesse meio equivale a se colocar como um fazedor de milagres de uma paisagem em que o sistema de objetos, em todas as suas declinações, é apenas a porta de entrada. Um portal em que o imaginário é objetivo e faz pressão sobre o mundo para que o universo físico entre em conjunção com o universo invisível e tome sua forma.

Referências

- ATTIMONELLI, C. **Techno: ritmi afrofuturisti**. Roma: Meltemi, 2008.
- BATAILLE, G. **La part maudite**. Précédé par la notion de dépense. Paris: Les Éditions de Minuit, 2003.
- BENJAMIN, W. **Le livre des Passages**. Paris: Éditions du Cerf, 2006.
- CASTELLS, M. **La société en réseau**. Paris: L'ère de l'information, Fayard, 1998.
- CLARK, A. **Natural born cyborg**. Oxford University Press, Boston, 2004.
- DAVIS, E. **Techgnosis**. Mith, magic and mysticism in the age of information. New York: Crown Publishers, 1999.
- DEBORD, G. **La Société du spectacle**. Paris: Gallimard, 1992.
- GIBSON, W. **Neuromancien**. Paris: Ed. "J'ai lu", 1988.
- GRAF, F. **La magie dans l'antiquité gréco-romaine**. Paris: Les Belles Lettres, 1994.
- HAMPARTZOUNIAN, S. **Effervescence techno ou la communauté trans(e)**

- cendentale.** Paris: L'Harmattan, 2004.
- JENKINS, H. **Convergence culture.** Where old and new media collide. New York: New York University Press, 2006.
- LÉVY, P. **L'intelligence collective.** Pour une anthropologie du cyberspace. Paris: La Découverte, 1994.
- MAFFESOLI, M. **Le Réenchantement du monde.** Paris: La Table Ronde, 2007.
- _____. **Iconologies.** Nos idolâtries postmodernes. Paris: Albin Michel, 2008.
- MCLUHAN, M. **The Gutenberg Galaxy.** The making of typographic man. Toronto: University of Toronto Press, 1966.
- _____. **Pour comprendre les médias.** Paris: Seuil, 2004.
- _____. **D'œil à oreille.** Paris: Hurtubise HMH, 1977.
- MORIN, E. **Le cinéma ou l'homme imaginaire.** Paris: Les Éditions de Minuit, 1957.
- SUSCA, V. La transmutation du monstre. **Les Cahiers Européens de L'Imaginaire**, La Barbarie, Paris: CNRS éditions, n. 1, jan. 2009.
- _____. **Joie Tragique.** Les formes élémentaires de la vie électronique. Paris: CNRS éditions, 2010.
- TARDE, G. **Les lois de l'imitation**, Kimé, Paris, 1993.
- WEBER, M. **L'éthique protestante et l'esprit du capitalisme.** Paris: Plon, 1964.



FOTO VALENTINA AIROLDI

Recebido em: 18/4/2016
Aceito em: 9/5/2016

Endereço do autor:
Vincenzo Susca <vincenzo.susca@gmail.com>
Université Paul-Valéry de Montpellier
Route de Mende 34
199 Montpellier – França